Nayara Las Casas Vieira Braga
Edna Aparecida Martins

A participação das famílias no cotidiano de jovens de 11 à 16 anos em situação de vulnerabilidade social

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
2018

Nayara Las Casas Vieira Braga
Edna Aparecida Martins

A participação das famílias no cotidiano de jovens de 11 à 16 anos em situação de vulnerabilidade social

Trabalho de conclusão do curso de Terapia Ocupacional da Universidade federal de Minas Gerais apresentado como exigência para conclusão do curso de graduação.

Orientadora Profa. Luciana Assis Costa.

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
2018

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....03

OBJETIVO.....06

METODOLOGIA.....07

RESULTADO E DISCUSSÃO.....08

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....14

REFERÊNCIAS.....15

INTRODUÇÃO

A juventude é concebida como uma etapa de construção da identidade e preparação para a vida adulta (ADORNO, 1999). Bourdieu 2003 refere-se à juventude ou adolescência como uma categoria socialmente manipulada e manipulável, quando compreendida como uma unidade social, um grupo dotado de interesses comuns referidos à uma idade definida biologicamente. O termo adolescência parece estar mais vinculado às teorias psicológicas, considerando o indivíduo como ser psíquico, pautado pela realidade que constrói e por sua experiência subjetiva. Ao passo que o termo juventude parece ser privilegiado no campo das teorias sociológicas e históricas, no qual a leitura do coletivo prevalece. Sendo assim, a juventude só poderia ser entendida na sua articulação com os processos sociais mais gerais e na sua inserção no conjunto das relações sociais produzidas ao longo da história (PAIS, 1990).

No senso comum a juventude é classificada como o momento da vida, onde ocorre a mudança de faixa etária marcada por ñrótulosò É o período onde se é velho demais para ser considerada uma criança novo demais para ser considerado adulto. Caniato e Cesnik (2005), diz que a juventude é associada a um conjunto de comportamentos que configuram esta passagem e que na sua maioria é considerado como um grande problema social. Essa geração é pertencente a uma data (fase de vida), e é nela que se estabelecem fatos de tempo cronológico como uma forma de legitimar direitos e deveres. É nesse tempo, que sair da juventude pode representar ocupar um papel por si só bem complexo. Há exemplo disso, a busca do jovem ao primeiro emprego aponta-se como desejo de ser tratado como adulto, formulando assim o seu status social. Outro advento importante na juventude é a formação de uma nova estrutura familiar, apesar de toda complexidade do surgimento desse novo grupo e as implicações que geram na vida do jovem, é comum um discurso raso sobre a responsabilidade e o papel da família neste evento.

Os conflitos a respeito dos limites de idade têm a afirmação de poder e privilégio existentes entre as gerações. Bourdieu 1983, fala da juventude como uma fase da vida sujeita a diversas formas de caracterização, além de ser objeto de estudo e intervenção de diferentes campos disciplinares. ñsomos

sempre jovem ou velho de alguémò A juventude é sujeita a variações que podem antecipar, prolongar, encurtar ou suprimir esta fase da vida.

Essa matriz de referência sociológica é essencial no estudo da juventude porque tais argumentos podem justificar ou não as barreiras enfrentadas pelos indivíduos ao cruzarem as fronteiras da juventude. As fronteiras que separam as gerações não são claramente definidas, não podem deixar de ser ambíguas e atravessadas e, definitivamente não podem ser ignoradas (BAUMAN, 2007).

O estudo da juventude e das instituições sociais às quais ela é pertencente é fundamental para que seus papéis sociais sejam compreendidos e suas fragilidades sejam vistas como demandas importantes no desempenho de seu papel social e ocupacional. As instituições família, escola e religião muito podem contribuir para o entendimento da condição desse sujeito e das relações que ele cria ou se submete com o passar de sua vivência, tal vivência efetivamente correlacionada com todo o contexto ao qual este grupo está inserido. Segundo Durkheim 2000, ñO homem é produto do meioò, o que pode potencializar o processo de socialização que são próprios, já que somos desde o nascimento, inseridos em fatos sociais de sociedades já existentes. As redes comunitárias, de amigos e familiares, são suportes com o quais os jovens adquirem referências culturais para interpretar o mundo social que os cerca e para orientar o seu comportamento (PAIS, 1990). Desta forma, quando se considera a juventude como unidade social, imersa em um contexto, torna-se necessário compreender a relação que se estabelece entre esses aspectos.

Durkheim 2000, afirma que as instituições possuem um conjunto de valores distintos e que os papéis sociais têm a mesma propriedade. O sujeito é inserido numa sociedade e esta, se encarrega de fornecer valores sociais diversos. E esse processo é chamado socialização. A família é definida como a principal e mais importante instituição de socialização, e se encarrega de iniciar o processo. Outro elemento de matriz de referência é a indústria Cultural, que produz bens culturais de acordo com os interesses de mercado. Na indústria cultural o padrão de consumo aparece como medidor de pertencimento e evidencia a estimulação de uma violência simbólica. Quem já não se sentiu violentado ou constrangido quando não aceito, por não se enquadrar nos padrões estabelecidos. Estes padrões estão presentes e permeiam todas as

instituições de uma forma bem explícita. Segundo Bauman 2007, o homem moderno criou padrões sólidos que sustentam e orientam a vida como os padrões morais, estéticos, ideológicos, metodológicos entre outros. Em função disso cria a modernidade líquida, e esse pensamento retrata a efemeridade e mobilidade de tudo o que nos constrói, ou que nós construímos como base de referência para a vida.

A conexão destes conceitos apoiados em teorias sociológicas serão as nossas bases e terão como objetivo desenhar o papel deste jovem, juntamente com o impacto disso na vulnerabilidade que ele vivencia. Essa condição de vulnerabilidade flutua sob as mais diversas opiniões e pode ter trajetórias e arranjos marcados pela representação social a que esse jovem transita. Carneiro e Veiga (2012), definem vulnerabilidade social como exposição a riscos e baixa capacidade de enfrentamento de desafios, a pobreza representa uma primeira aproximação dessa condição. Segundo os autores, quando se considera, especialmente, a ausência de uma rede pública de proteção social, configurada pelo acesso a bens e serviços básicos que propiciem maiores oportunidades de enfrentamento das adversidades, a ausência de recursos materiais leva a outras fragilidades, como é o caso da baixa escolarização.Vamos a partir deste estudo, considerar marcos sobre a juventude, tendo como ponto de referência a instituição família. Lembrando que os tipos de famílias apontadas aqui, serão a família nuclear (tradicional) e a família extensa (vários núcleos unidos). De acordo com Lima *et al.* 2011, a variabilidade dos tipos de família e as novas formas de família evidenciam a evolução do reconhecimento do direito e podem acrescentar modificações consideráveis na vida do jovem. O que pode apresentar efetivamente uma nova porta para estudos futuros e correlações por vezes importantes.

Mc Donald *et al.* 2005 descrevem a família como um espaço de proteção e sustento, onde as pessoas estão ligadas por razões emocionais e práticas. No caso da juventude, esse mesmo autor pontua que os jovens podem se considerar como agentes livres, capazes de construir suas próprias maneiras de estar na sociedade, porém seus comportamentos e características sempre continuarão derivados de suas famílias. Na mesma concepção, as redes sociais em comunidade, citadas por este mesmo autor, em geral são meios promotores de sentimentos de apoio, segurança, acolhimento e confiança.

A Família é porta de entrada no estudo do jovem em condições de vulnerabilidade social e os papéis sociais que eles representam, podem fornecer dados importantes para o entendimento e elaboração de ações que sejam efetivas na redução de danos neste grupo (BRYM, 2006).

Através da relação coexistente no núcleo familiar do jovem, será feita uma construção externa. A forma em que o processamento do entendimento dos direitos e deveres do adolescente é posta no núcleo familiar, dará a ele propriedade para reproduzir esse entendimento ou contradizê-lo. E diante as oportunidades diversas às quais ele é submetido fora do ambiente familiar, esse jovem é induzido a todo o tempo, a posicionar-se.

A forma em que esta família se reorganiza internamente, muito tem a ver com o quadro histórico que vai se desenrolando e movimentando as relações de seus membros com a sociedade. A relação jovem, vulnerabilidade e família é, dentro dos processos de construção da sociedade, um recorte da vida econômica, social e cultural da população e gera altos índices de desigualdade social. Essa vulnerabilidade causa desequilíbrios na dinâmica familiar e pode ser de certo modo, ponto de partida do próprio processo. A noção de vulnerabilidade social exprime ainda várias situações de precariedade e não apenas de renda, como destaca Yazbek (2001), uma definição econômica de vulnerabilidade social é insuficiente e incompleta, mas deve ser a base material para seu enquadramento mais amplo, incluindo também outras precariedades, como a fragilização de vínculos afetivos, tanto os relacionais como os de pertencimento, decorrentes também das discriminações etárias, étnicas, de gênero, deficiências ou outros. São considerados como elementos relevantes no entendimento da privação social aspectos como a composição demográfica das famílias aí residentes, a exposição a situações de risco variadas (como altas incidências de certos agravos à saúde, gravidez precoce, exposição à morte violenta, etc.), precárias condições gerais de vida e outros indicadores (YAZBEK, 2001).

A vida familiar depende da condição para sua sustentação e manutenção de seus vínculos. A situação socioeconômica é o fator que mais tem contribuído para o esfacelamento da família, repercutindo diretamente nos mais vulneráveis deste grupo: os filhos, sem creche, sem escolas, sem perspectivas, adultos sem trabalho idosos e pessoas com deficiências. Essa

vulnerabilidade implica em considerar também aspectos subjetivos, relativos às condições de vida dos indivíduos como a perda da identidade, falência de laços comunitários, sociais e familiares (SARACENO, 1997). Diante desta problematização, o presente estudo tem como objetivo descrever e relatar a participação das famílias no cotidiano de jovens na faixa etária de 11 a 16 anos em situação de vulnerabilidade social.

OBJETIVO

Descrever a participação das famílias no cotidiano de jovens na faixa etária de 11 a 16 anos em situação de vulnerabilidade social.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo vinculado a uma pesquisa mais ampla intitulada ñO impacto de fatores de risco e de proteção social no comportamento de jovens estudantes, moradores de região de alta vulnerabilidade social" aprovada pelo comitê de ética da Universidade Federal de Minas Gerais com parecer de número nº 56177916.50000.5149, que possui formato quantitativo de caráter descritivo - exploratório. Participaram da pesquisa os alunos da Escola Padre Guilherme Peters, cursando do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, localizada na periferia do bairro Serra em BH-MG. A escolha da escola se deu em razão do campo apresentar um dos maiores índices de vulnerabilidade social da cidade de Belo Horizonte e por característica apresentar um dos menores Índices de Qualidade de Vida Urbana da cidade (IQVU), que avalia as variáveis de abastecimento, cultura, educação, habitação, infraestrutura urbana, meio ambiente, saúde, segurança e serviços urbanos (Pereira, Reis e Costa, 2015). O instrumento utilizado para coletar os dados foi o Communities That Care Youth Survey (CTCYS), em sua versão traduzida e adaptada para o português. Segundo Brown et. al., 2009, este protocolo foi desenvolvido fora do Brasil com o objetivo de diagnosticar quais são os fatores de risco e de proteção que estão ligados ao consumo de drogas, violência e cometimento de infração na juventude. No total foram aplicados 92 questionários, sendo distribuídos em: 35 para alunos do 6º ano, 27 para alunos do 7º ano, 21 para o 8º ano, 9 para o º9 ano. Treze alunos não finalizaram o questionário, ao saber que a participação seria voluntária, desistiram da participação.

> Dada a necessidade de se conhecer os fatores de risco e proteção a que os jovens das comunidades brasileiras estão expostos, propõe-se a avaliação do CTCYS como instrumento diagnóstico, pela sua capacidade de levantar informações que são essenciais para o planejamento de programas preventivos em saúde mental e implementação de intervenções por profissionais da saúde, gestores públicos e pelos líderes dessas comunidades. (CORRÊA 2014).

Tendo em vista que trata-se de um recorte de um estudo mais amplo, utilizou-se para análise as questões referentes a categoria relacionada à dinâmica familiar dos jovens. Das 35 questões analisadas, foram excluídas as que se relacionavam com o conteúdo de uso de drogas, restando assim 29 a serem estudadas. As questões foram classificadas em quatro domínios:

aspectos sociodemográficos; vínculos familiares - materno e paterno; mecanismo de controle social e capital cultural familiar.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa 92 jovens com média de idade de 13 anos, mínimo de 11 anos e máximo de 16. Do total, 65% tinham idade entre 13 e 16 anos, 52% eram do sexo masculino, 17% não tinham irmãos mais velhos.

Na análise estatística, foram estimadas as frequências absolutas e relativas das variáveis demográficas, mecanismos de controle social e vínculos familiares. Para verificar a associação entre as variáveis relacionadas aos mecanismos de controle social e vínculos familiares com os aspectos demográficas, utilizou-se o teste quiquadrado de Pearson. As análises foram realizadas através software Stata. Adotou-se o nível de significância o nível de 5%.

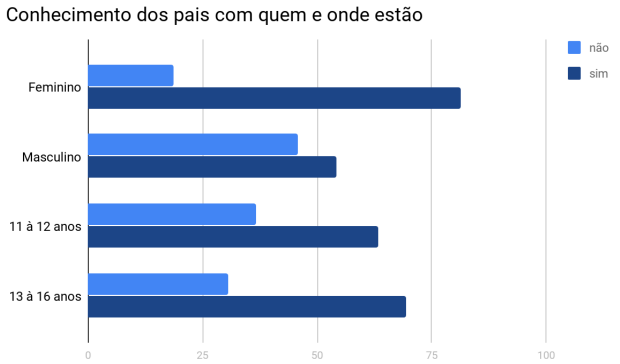
Com relação às variáveis relacionadas às características demográficas, 51,7% dos participantes são do sexo feminino com faixa etária de 13 à 16 anos. No que diz respeito à escolaridade paterna 28,6% apresentam ensino médio completo e incompleto e materna 29,7% apresentam ensino médio completo e inconpleto, não apresentando diferença significativa. Em contrapartida, 49,45% dizem desconhecer a escolaridade dos pais, o que representa grande parcela dos jovens analisados.

De acordo com as variáveis relacionadas aos mecanismos de controle social que pode ser entendido como a existência de regras de convivência, o respeito às regras familiares com entendimento e clareza e acompanhamento e supervisão dos jovens pelos familiares. Analisando a distribuição de frequência estratificada por sexo e faixa etária no que diz respeito à clareza das regras no núcleo familiar, nota-se que com relação ao sexo e a faixa etária, 80% dos jovens compreendem as regras, não apresentando diferenças significativas no comparativo por sexo e idade.

Referente ao gráfico abaixo, de número 1, sobre o vínculo familiar, 48,9% afirmam que quando saem seus pais sabem com certeza com quem e onde estão, 17,4% disseram que normalmente os pais têm esse conhecimento e 31,5% disseram que os pais normalmente não sabem ou nunca sabem. Observa-se uma diferença significativa relacionada ao sexo, evidenciando que, em média 80% das jovens são mais assistidas por suas famílias do que a parcela masculina que apresenta como dado 50%, conforme mostrado no

gráfico 1. Discute-se então o nível de assistência que essas famílias destinam aos seus filhos, podendo observar que a parcela das jovens femininas são mais acompanhadas e os jovens de 13 à 16 anos também, quando por exemplo um jovem com idade inferior (11 à 12 anos) possuem, geralmente, um controle maior pelos pais, por serem mais novos e demandarem maior assistência e supervisão. A condição juvenil é diferentemente vivenciada por homens e mulheres, devido não só aos limites biológicos impostos a cada um, mas também às questões simbólicas, culturais. Ela complementa que a juventude feminina é diferenciada na experiência do contexto, dos valores, da etnia, religião, crença, escolarização, etc. (SALVA, 2008).

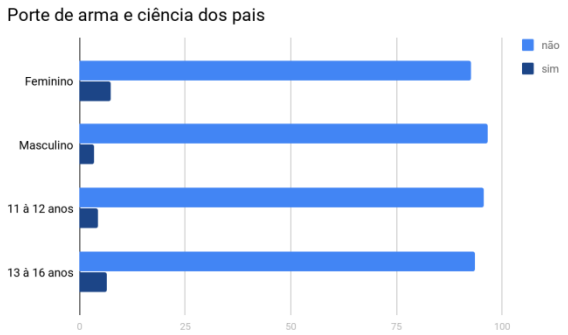
Gráfico 1



Quando perguntados se os pais teriam conhecimento, caso os jovens portassem uma arma de fogo referente ao Gráfico 2 abaixo, a média de 90% dos jovens afirmam que, se isto acontecesse, os pais não saberiam, demonstrando que o nível de supervisão dos pais com os jovens é frágil. Estudos feitos nos Estados Unidos evidenciam que uma pessoa portadora de uma arma tem 43 vezes mais chance de ferir ou matar alguém do que quem não possui (MERCY *et al.*, 1993). No estudo de Njaine e Minayo (2003), que analisa os significados que a violência assume em diferentes contextos sociais, os jovens afirmam que a desatenção da família, destacando a figura paterna, por ser uma figura que exerce maior influência e autoridade para esse grupo etário, se responsabiliza pela atitude de um jovem que porta uma arma de fogo. No país, no ano de 2000, o uso de arma de fogo foi responsável por 68% dos

homicídios (SOUZA *et al.*, 2002). O maior percentual (96,4%) relativo à análise dos jovens do sexo masculino. Várias pesquisas no Brasil vêm mostrando que as mortes por violência, provocadas por armas de fogo, têm incidido de forma muito grave entre adolescentes e adultos jovens, atingindo sobremaneira o sexo masculino (NJAINE e MINAIO, 2003). É importante notar que esse tipo de comportamento é muito atual, evidenciando, ao mesmo tempo, que a violência tornou-se uma forma de "comunicação urbana", e o fato de que esses instrumentos encontram-se disponíveis à população (NJAINE e MINAYO, 2003). Ainda que em uma proporção muito menor, a linguagem da violência entre as meninas como forma de comunicação, surge de modo tão cruel quanto no universo masculino (NJANIE E MINAYO, 2003).

Gráfico 2

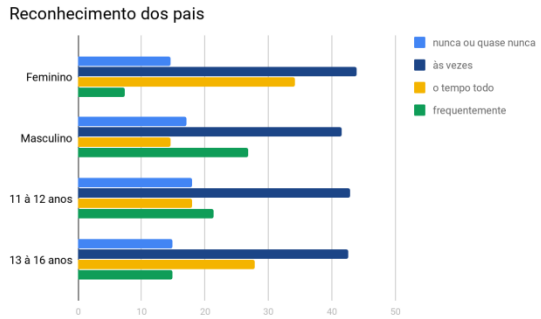


Ao se referirem à frequência escolar (matar aula) sem o conhecimento dos pais, em média 40% dos jovens do sexo masculino afirmam não serem descobertos pelos pais quando comparado ao gênero feminino 25% das jovens. Quando analisado pela faixa etária, observamos que a infrequência sem conhecimento dos pais é mais evidente dos 13 aos 16 anos com 39,7%, quando em comparação com a faixa etária de 11 aos 12 anos que é de 21,9%. Podemos pensar acerca disso pelo viés de que na faixa etária dos 13 aos 16 anos o jovem é menos cobrado do que quando se trata da faixa etária dos 11 aos 12 anos, em razão da idade e em se tratar de jovens mais novos e mais assistidos pelas famílias. Podemos fazer uma análise também baseando-se no fato de que uma família composta por mais de 1 filho, levando em consideração que o que filho mais novo seria o da faixa etária de 11 à 12 anos, podemos refletir que os pais voltariam uma maior atenção para o mais novo, contando que o mesmo pode demandar mais desses pais e ser intitulado como

o que precisa ser mais "vigiado", quando comparado e até mesmo questionado pelo mais velho.

O Gráfico 3 nos informa sobre a percepção e incentivo verbal (elogio) dos pais para com o jovem. Voltando um pouco na questão citada acima, referente a frequência escolar ao gráfico 3, que diz sobre a percepção e incentivo dos pais, podemos colocar em pauta a reflexão feita por França 2016, que diz: O processo ensino - aprendizagem, ensino - fundamental é o meio mais importante para aquisição de saberes e um instrumento básico para a vida em sociedade. Para realizar qualquer atividade pedagógica no âmbito escolar é necessário fazer com que as crianças e jovens adquiram a capacidade de partilhar saberes e conhecimentos adquiridos na escola e que devem estar em sintonia com a família como alicerce que sustenta esta capacidade. Os educadores não terão êxito atuando sozinhos; têm de trabalhar em colaboração a fim de serem bem-sucedidos na integração dos elementos culturais produzidos pelos alunos subalternos em seu processo educativo (FREIRE, 2011). Refletindo mais um pouco quanto a questão do incentivo voltado para a escola, França 2016, afirma que os pais juntamente com os educadores possuem um papel fundamental de manter uma ligação suficiente com o jovem a ponto de conseguirem passar para os mesmo a importância dos estudos, principalmente como um meio de atingir não somente a independência intelectual quanto uma boa formação profissional.

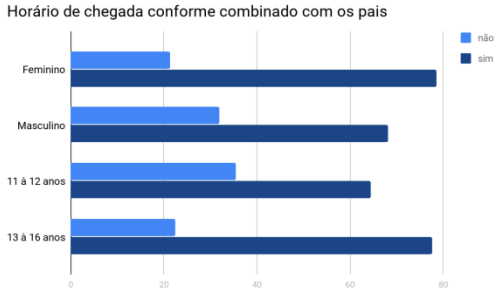
Gráfico 3



Interpretando os resultados apresentados no gráfico 4, no que diz respeito à ciência dos pais quanto ao horário de chegada dos filhos em casa, conforme combinado, nota-se que a parcela dos jovens da faixa etária de 13 à 16 anos cumprem com o combinado quando comparado com a faixa etária de

menor idade, podemos então refletir acerca dessa comparação pelo viés de que jovens de 11 à 12 anos não demandam saídas sozinhos, portanto não precisam de horários pré estabelecidos para chegarem em casa, enquanto jovens na faixa etária de 13 à 16 anos já apresentam grande demanda por saídas com amigos, as quais não incluem os pais, e que necessitam de horário estipulado para voltarem para a casa.

Gráfico 4



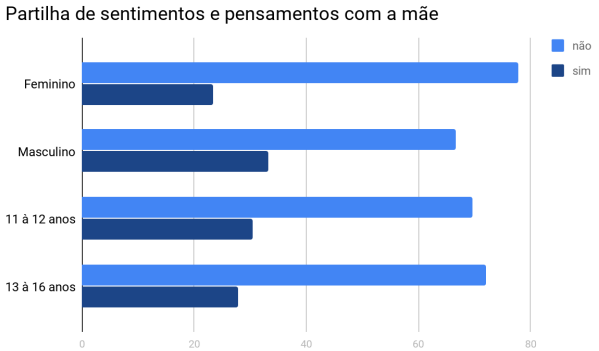
Avançando para as variáveis dos vínculos familiares em relação à convivência: em uma semana típica, a ausência de momentos compartilhados nas refeições do núcleo familiar é de 17,6% na faixa etária de 13 à 16 anos, e 29,6% de jovens na faixa etária de 11 à 12 anos. Quando comparado por sexo não apresenta diferença significativa. A família desenvolve um papel importante nas formas de representação do mundo exterior, pois é através dela que se dá a inserção do sujeito neste mundo e onde começa a apreensão do conjunto de determinações ï processo este que lhe possibilita viver o universal de forma particular e, neste movimento, construir-se. (SOUSA; JOSÉ FILHO, 2008).

As frequências de agressões verbais uns com os outros dentro do núcleo familiar de acordo com o sexo os dados apontam que 57,1% não se xingam ou gritam uns com os outros e 42,9% afirmam ocorrer tal agressão dentro de seu núcleo familiar. 65,5% na faixa etária jovens de 11 à 12 anos afirmam não ocorrer tais ocorrências e 62,1% na faixa etária de 13 à 16 anos.

Em brigas e desentendimentos pelos mesmos motivos, de acordo com faixa etária e sexo em média 70% do geral diz não ocorrer tais eventos em média 25% afirma existir.

Com relação à proximidade com a mãe em média 77% dos jovens considerando faixa etária e sexo se dizem próximos à figura materna, a média de 23% declaram não ter proximidade com a mesma. Em se tratando da proximidade das jovens do sexo feminino, apresenta-se uma taxa de 81,4%.

Gráfico 5



No que diz respeito aos sentimentos e pensamentos divididos com a figura materna mostrado Gráfico 5, podemos unir a reflexão fazendo um link com a pergunta relacionada à proximidade da mãe. Focando na proximidades das jovens do sexo feminino de 81,4% com a partilha de pensamentos mostrada no gráfico que apresenta um percentual de em média 25%, o que contraditoriamente é relatado no percentual da pergunta acima, dizendo que a parcela feminina apresenta uma taxa de proximidade com a mãe maior do que os jovens do sexo masculino. É válido interpretar que o dentro de "proximidade com a figura materna" cabe também a partilha sentimentos. Em um estudo de Seron e Milani (2011), que busca compreender o papel da relação mãe e filha no processo de construção da identidade feminina na adolescência, algumas jovens relatam que é importante ter a figura materna por perto, para dividir vivências marcantes da vida. Através dessa proximidade com a figura materna as jovens conhecem seus papéis sociais e a própria feminilidade. Assim, as mães que buscam incluir-se na vida das adolescentes participam, conversam, brincam, preocupam-se, perguntam sobre os acontecimentos rotineiros, contribuem para uma relação mais próxima. Mãe e filha compartilham de uma relação particular que influencia na maneira da adolescente planejar o seu próprio futuro. É no relacionamento com a mãe que a filha pode identificar-se com os atributos femininos e construir o que é ser mulher (SERON E MILANI 2011).

A relevância para os pais, da opinião dos jovens nas decisões que envolvem e afetam suas vidas, quando analisado por gênero, em média de 35% dos jovens diz não opinar nas decisões que afetam sua vida e em média

de 65% diz serem perguntados qual opinião ter em relação a determinada decisão de sua vida.

No que diz respeito aos sentimentos e pensamentos divididos com figura paterna, os dados apontam uma média de 66% de não compartilhamento de sentimentos dos jovens com a figura paterna. Tendo o jovem do sexo feminino maior taxa, assim como os jovens de 11 à 12 anos. O que pode justificar esse percentual ser maior para o gênero masculino é pela parcela de jovens femininas se identificarem mais com a figura materna, geralmente as jovens se sentem mais à vontade e mais entendidas pela figura materna, por compartilharem, geralmente, os mesmos desejos, dúvidas e anseios, e os jovens do sexo masculino se referenciarem à figura paterna, por também se sentirem mais compreendidos e partilharem de mesmos desejos, dúvidas e anseios. É importante enfatizar que, sem um pai presente e ativo, dentro de suas específicas funções, é difícil que um indivíduo possa sentir-se independente, autêntico e valorizado em sua condição de homem e que consiga estabelecer relações interpessoais satisfatórias, principalmente com o sexo oposto (COSTA, 2007).

Quando questionados sobre gostar ou não de dedicar a passar um tempo com a figura materna, a média de 76% gostam da companhia da mãe, em se tratando de sexo e faixa etária, não apresentam diferenças consideráveis. E 23% não gostam da companhia materna, tendo em vista que a maior porcentagem está ligado ao sexo masculino e a faixa etária dos 13 aos 16 anos. Podemos atribuir essa porcentagem maior para a faixa etária de 13 à 16 anos e a jovens do sexo masculino refletindo sobre a grande dedicação dos jovens nessa idade ao máximo tempo com os amigos, principalmente os jovens do sexo masculino, que geralmente passam mais tempo fora de casa e são mais desapegados da instituição família.

Em relação ao prazer da companhia paterna, tem-se a média de 60% de jovens que gostam de passar um tempo com a figura paterna e 39% assinalaram não gostar de passar um tempo com a figura paterna. Evidencia-se que jovens do sexo masculino e na faixa etária de 13 à 16 anos gostam de passar mais tempo com o pai, quando comparado com as jovens do sexo feminino e a faixa etária de 11 à 12 anos. Carter 1995, afirma que quando os filhos começam a entrar na juventude é natural que ocorra mudanças nos

relacionamentos intrapessoais, porque nessa fase o jovem passa a apresentar grande interesse por atividades fora do âmbito familiar, tanto na escola quanto com as amizades. Essa nova fase é marcada pelo sentimento de insegurança e conflito, por parte dos pais, porque os filhos deixam de ser dependentes.

Diante das dificuldades pessoais enfrentadas pelo jovem, 69% deles afirmam poder contar com ajuda dos pais, tendo como destaque independente do sexo a faixa etária dos 11 à 12 anos.

Falando sobre agressões ocorridas dentro do núcleo familiar, observa-se uma média de 78% de jovens negam esse fato com membros da família e 22% afirmam ocorrer tais violências no âmbito familiar. Em se tratando de agressão, observa-se que a taxa positiva para tal fato é alta visto que tais situações tornam as relações ainda mais fragilizadas.

Em relação às agressões sofridas pelo jovem por membros de sua família, os dados apontam uma média de 82% de não agressão, embora o jovem do sexo masculino na faixa etária de 13 à 16 anos apresentarem uma média 23% de agressões sofridas. A variabilidade na vivência individual de risco e proteção se deve às diferentes combinações possíveis de fatores aos quais cada pessoa está exposta. Sabe-se que o impacto dos fatores de risco é moderado pelo efeito de fatores de proteção (Corrêa, 2014), porém, não existe um consenso na literatura sobre quais os fatores de risco e os de proteção que influenciam o envolvimento dos jovens com a violência.

Gráfico 6

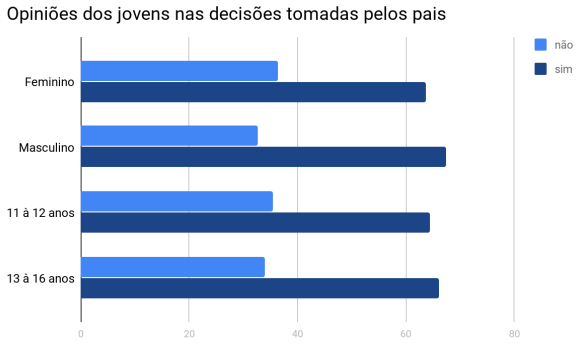
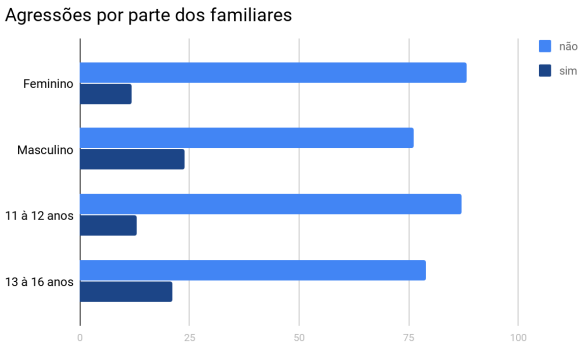


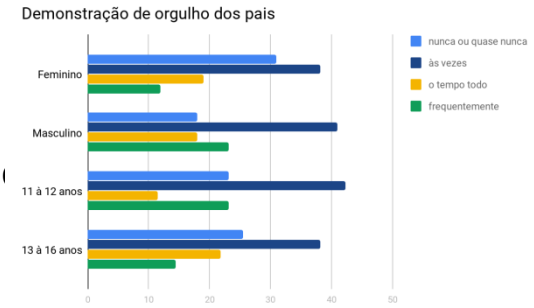
Gráfico 7



Analisando os vínculos afetivos: a frequência que os pais verbalizam sentir orgulho de determinadas ações dos jovens. Em se tratando de uma fase da vida em que o indivíduo se encontra em formação, o menor dado apresentado

se refere à maior frequência de manifestação positiva dos pais, o que pode ser marcante impactando nas ações destes jovens.

Gráfico 8



A partir do estudo foi possível destacar alguns aspectos presentes na dinâmica familiar de jovens em situação de vulnerabilidade social estudantes da escola Padre Guilherme. O primeiro ponto a se destacar é que, uma parcela de aproximadamente 20% dos jovens vivenciam vínculos familiares mais frágeis do que os demais, especialmente quanto à supervisão e controle dos pais sobre o cotidiano dos filhos, tal como o desconhecimento sobre com quem andam, não atendimento das regras e combinados familiares, situações que indicam que este grupo se encontra mais exposto a riscos sociais.

Um segundo ponto a se ressaltar é a percepção dos jovens em relação ao distanciamento afetivo dos pais. A maioria dos jovens não percebe que são valorizados pelos pais, não constatam elogios ou reconhecimento pelos seus comportamentos e grande parte não compartilha os seus sentimentos com os pais. Verifica-se uma pequena participação dos jovens nas decisões familiares e ainda, um percentual importante de jovens que sofrem agressões domésticas, sendo que os meninos se encontram mais expostos a este tipo de comportamento.

Ainda como um ponto a se ressaltar, refere-se a baixa escolaridades dos pais, mas sobretudo, o desconhecimento da metade dos jovens sobre o nível de escolaridade dos seus pais. O que demonstra um forte indício de que os valores da educação formal, traduzidos no capital cultural, não são compartilhados e transmitidos no âmbito familiar, fato que pode interferir na construção fragilizada do vínculo dos jovens com o universo escolar.

Por fim, embora os achados não tenham a intenção de explicar o efeito dos vínculos familiares no cotidiano desses jovens, nos trouxeram elementos para compreender a dinâmica das famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social.

REFERÊNCIAS

ARTHUR MW, HAWKINS JD, POLLARD JA, CATALANO RE & BAGLIONI Jr. AJ. Measuring risk and protective factors for substance use, delinquency, and other adolescent problem behaviors. **Evaluation Review**, v. 26, n. 6, p. 575-601, 2002. Disponível em: http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12465571 . Acesso em: Set. 2018.

BROWN EC, GRAHAM JW, HAWKINS JD, ARTHUR MW, BALDWIN MM, OESTERLE S, BRINEY JS, CATALANO RF, ABBOTT RD. **Design and analysis of the Community Youth Development study longitudinal cohort sample**. 2009. Disponível em: http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2714913/ . Acesso em: 21 Nov. 2018.

BRYM, Robert. ñFamíliasò *In*: **Sociologia:** sua bússola para um novo mundo. São Paulo: Thomson Learning, 2006. Disponível em: https://concepcoesufpe.blogspot.com/2009/03/resenha-brym-robert-j-et-al-sociologia.html . Acesso em: Set. 2015.

CANIATO, Angela; CESNIK, Claudia Cotrim. Adolescência e resistência. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 2., 2005, São Paulo. **Proceedings online.** Available from: https://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000200016&lng=en&nrm=abn . Acesso: 06 Set. 2018.

CANO, Maria Aparecida Tedeschi. **A percepção dos pais sobre sua relação com os filhos adolescentes**: reflexos da ausência de perspectivas e as solicitações de ajuda. 1998. Tese (Livre Docência em Adolescência e Família) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, University of São Paulo, Ribeirão Preto,1998. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/22/tde-14092007-141943/pt-br.php. Acesso: Dez. 2018.

CARTER, B.; Mcgoldrick, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para terapia familiar. Trad. Maria Adriana V. Veronese. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CASTRO, Mary Garcia e ABRAMOVAY, Miriam. Juventudes no Brasil ï Vulnerabilidades negativas e positivas, desafiando enfoques de políticas públicas. *In*: **Família, sociedade e subjetividades** ï Uma perspectiva multidisciplinar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. Disponível em: https://www.alapop.org/alap/images/PDF/ALAP2004_295.pdf. Acesso em: Nov. 2018.

COSTA, C. P. **O vínculo com a figura paterna e o desenvolvimento da dependência química em jovens do sexo masculino**. Trabalho de curso não publicado, PUCRS, Brasil. 2007. Disponível em: https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0200.pdf. Acesso em: Dez. 2018.

CORRÊA, O. A. **Adaptação e validação do Communities that care youth survey (CTCYS) para uma comunidade Brasileira**: um estudo-piloto. Dissertação (Dissertação em Psicologia Clínica e Cultura) - UNB. Brasília, 2014. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/17238. Acesso em: Agosto 2018.

EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 6-7, abr./jun. 2005. Disponível em: https://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167. Acesso em: 01 Agosto. 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2011. Disponível em: http://educacaointegral.org.br/wpcontent/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf. Acesso em: Set. 2018.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**, PNAD/IBGE. Rio de Janeiro, 2001/2002 Disponível em: www.ibge.gov.br . Acesso em: Abr. 2018.

MERCY, J. A.; ROSENBERG, M. L.; POWEL, K. E.; BROOME, C. V.; ROPER, W. L. Public health policy for preventing violence. **Health Affairs**, v.12. Disponível em: http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/8125450. Acesso em Nov. 2018.

NJAINE, Kathie; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência na escola: identificando pistas para a prevenção. **Interface,** Botucatu, v. 7, n. 13, p. 119-134, Aug. 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141432832003000200009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 Nov. 2018.

PEREIRA, T.C.S; Reis, J.N; Costa, L.A. Autor e vítima: a vulnerabilidade social de jovens que cometeram atos infracionais em Belo Horizonte. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**. 2015. Disponível em: https://www.journals.usp.br/rto/article/download/74957/101733. Acesso em: Nov. 2018.

SARACENO, Chiara**. Sociologia da família**. Lisboa: Editorial Estampa, 19977-29, 1993.

SOUZA, E. R.; ASSIS, S. G. (Coords.). **Avaliação do processo de implantação e dos resultados do Programa Cuidar**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/CLAVES, 2000.

SERON, Camila; DEL PRETTE, Almir; MILANII, Rute Grossi. A construção da identidade feminina na adolescência: um enfoque na relação mãe e filha. **Psicol. teor. prat**., São Paulo , v. 13, n. 1, p. 154-164, 2011 . Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872011000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 nov. 2018.